

Compreensão para crescer

Washington — O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, defendeu ontem o pagamento da dívida externa brasileira mediante a obtenção de superávits comerciais ou a existência de reservas, ele acrescentou: "Acho que já existe a compreensão de que o Brasil deseja crescer. Ninguém deseja a recessão que o Brasil experimentou em 1982, quando os planos de ajustes externos nos levaram à recessão".

Ao visitar ontem o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, o ministro Dilson Funaro concluiu seu último compromisso nos Estados Unidos. Ontem à noite, o ministro da Fazenda seguiu para Londres, onde manteve contatos com as autoridades britânicas. Na semana que vem, Funaro prosseguirá mantendo encontros com autoridades de outros países europeus.

Dilson Funaro definiu ontem os objetivos de sua visita às autoridades de governos de países industrializados: "Desejamos um processo que possibilite ao País um desenvolvimento diferente do passado quando alguns projetos de ajustes externos acabavam por desajustar as nações internamente". Funaro disse que nessa viagem está mantendo entendimentos so-

mente com as nações industrializadas porque é preciso ouvir o que os governos podem fazer pelo desenvolvimento brasileiro. "É por isso que estou deixando a visita a banqueiros internacionais para uma segunda fase".

Indagado sobre a reação do presidente do Federal Reserve (Banco Central norte-americano), e o secretário do Tesouro, James Baker, em relação à posição brasileira, Funaro disse que todos concordam com alguns pontos: as nações têm que crescer e não podem negociar seu desenvolvimento. Ele admitiu que outro ponto de preocupação das autoridades norte-americanas se refere a um ajuste interno dos países devedores. Mas acrescentou que, no caso do Brasil, existem políticas claras na área de câmbio, de preços e de salários e que portanto não deve existir preocupação quanto à existência de um programa econômico brasileiro.

O ministro Funaro afirmou que, no momento, as nações em desenvolvimento estão num impasse. E citou o caso do Brasil que vinha pagando em dia seus compromissos mas teve que adotar medidas de suspensão do pagamento de juros.